



Governador Marconi comemora 15 anos de inauguração do CRER

“Precisamos acabar com a progressão continuada nas escolas”, afirma Wilder



CERRADO

Goiânia, SEGUNDA-FEIRA, 25 de setembro de 2017    /wildermorais



Cena de “Capitu”, em adaptação de Luiz Fernando Carvalho, 2008

DOM CASMURRO: A PATERNIDADE DE EZEQUIEL

CULTURA / LIVRO

O mistério secular de Machado de Assis



J.C. GUIMARÃES

Ninguém jamais descobrirá o segredo de “Dom Casmurro”: sabe-o apenas Capitu. A dificuldade está em que a narrativa machadiana nos escapa como uma substância volátil, própria da técnica impressionista do autor, admiravelmente estudada por José Guilherme Merquior em “De Euclides a Anchieta”. O que Merquior chama de “romance psicológico de tipo moderno”, que “privilegia a análise psicológica em detrimento da narrativa centralizada nas peripécias exteriores” fora engendrado por Machado antes que o fizesse o quarteto Henry James, Joseph Conrad, Italo Svevo e Marcel Proust.

O problema do autor é um problema da língua portuguesa, que também restringiu severamente o auditório de Otto Maria Carpeaux, a quem dediquei dois ensaios, neste liv-

ro. Normalmente está ligado ao papel histórico exercido por um determinado país no contexto global. A discussão é relevante: ao analisar a noção literária de “clássico”, Antoine Compagnon (“O demônio da teoria”) lembra a identificação de Virgílio com o império romano, por T.S. Eliot: “não há clássico, segundo Eliot, sem um império”. Uma tese poderia ser escrita a partir desta frase, abrangendo países como Espanha, França, Inglaterra e Estados Unidos, na era moderna. Por meio das necessidades comerciais os impérios exportam sua cultura e por vezes a língua nativa, que de função primordialmente burocrática acaba catalisando esforços simbólico-ideológicos.

A história é narrada na primeira pessoa; trata-se, portanto, de uma versão, e tal ponto de vista, pessoal e introspectivo, é também peculiar da poética impressionista. Não sabemos como

seriam as memórias de Capitu, posto que a voz que exprime aqui é como a de Sócrates em Platão: um eco apenas. Quase se pode dizer, não fosse o tom acusativo, que o marido traído literalmente põe palavras na boca da esposa difamada. Não cabe no momento discutir esse problema, uma vez que Bentinho desce às minúcias, e ninguém, na realidade, pode lembrar exatamente as palavras que outrem disse a cada momento ao cabo de muitos anos: seria preciso uma memória prodigiosa, exatamente o equipamento que Bentinho admite expressamente não ter.

A conclusão natural é que o retrato de Capitu que nos chega é obra dessa memória ruim e deste temperamento passional, o que há de servir à esposa de alibi contra possíveis distorções e injúrias do marido, perante o leitor. “Dom Casmurro” estaria bem intitulado se chamasse Capitu. Mesmo se aceitarmos o

fato de que se trata da memória pessoal de Bentinho, com todas as possíveis incorreções morais daí decorrentes, é ela que o arrasta pela metade da história adentro, não o contrário. Em torno das lembranças do seminarista giramos nós, leitores, mas em torno dela gira ele, astro menor, sem a mesma força, gênio equivalente e presença de espírito. Quão diferentes são, em talento e temperamento, Bentinho e Capitu. Se é verdade que os polos opostos se atraem, então explica-se o enlace entre os dois. Caso contrário, explica-se com mais fundamento o desfecho, posto que ela é por demais centrada e racional em comparação a ele.

É possível aceitar que todos – inclusive Capitu e Escobar, únicos que teriam a chave do mistério – concordam em unir em matrimônio dois possíveis frutos de suas entranhas? Seria concordar, conseqüentemente,

com a possibilidade do incesto, de forma que a ausência de protesto pelos suspeitos aponta para uma única direção: Ezequiel é filho legítimo de Bentinho. A alternativa possível é aceitar a perversidade no mais alto grau de Capitu e Escobar. Acontece que tal possibilidade contraria inteiramente o perfil psicológico da heroína. Não estou certo de que qualquer capítulo a favor da traição possua um argumento tão conclusivo, nem mesmo a suspeita sobre a esterilidade de Bentinho (Cap. CIV) ou as visitas – olhe a desinência, a provar que a coisa era sintomática – de Escobar à casa de Capitu (CVI e CXIII), na ausência do herói. No último caso, ela diz que está doente e o marido sai; chega Escobar e em seguida o marido, a surpreendê-los novamente: a esposa já estava bem!...

Há algo mais que merece atenção na leitura de “Dom Casmurro”, e que, embora não sejam pistas diretas, ajuda a compor os caracteres, aponta uma direção e concorre para formar uma imagem integral dos personagens. Assim é que, voltando às diferenças de temperamento, custa acreditar que uma moça tão segura quanto Capitu se deixe seduzir tão apaixonadamente por Bentinho, amiúde lacrimoso: o rapaz chora por tudo! As mesuras e graciosidades de Bentinho ante Escobar parecem indicar uma sexualidade indefinida e talvez homoerótica reprimida, reforçada talvez pela dependência excessiva da mãe. Por contraste, o próprio Dom Casmurro admite o seguinte: “Capitu era Capitu, isto é, uma criatura mui particular, mais mulher do que eu era homem”.

É evidente que este perfil viril e sedutor não coincide com o de seu namorado. As palavras-chave, aqui, são “ações”, “podia tudo” e “uma pérola de 6 milhões de sestércios”: com isso Machado dá mais uma prova de por que é um grande psicólogo. César é o arquétipo masculino ideal na cabeça de qualquer mulher despachada e vibrante como Capitu, e ele não escreveria esse capítulo se não fosse para extrairmos dele semelhante conclusão, acerca das motivações profundas da... (Continua)

ESTE ENSAIO pode ser lido na íntegra em “Uma idade para ser eterno” (2015), de J.C. Guimarães

Governador Marconi comemora 15 anos de fundação do CRER



GABINETE DE IMPRENSA DO GOVERNADOR DE GOIÁS

Fundado em 2002 pelo governador Marconi Perillo, ainda em seu primeiro mandato à frente do Estado, o Centro de Reabilitação e Readaptação Dr. Henrique Santillo (Crer) completou 15 anos nesta segunda-feira (25/9) com mais de 394 mil atendimentos e 13,8 milhões de procedimentos realizados, números que colocam o hospital como referência no Brasil.

O aniversário de fundação foi comemorado com celebração religiosa e homenagem póstuma ao Arcebispo Emérito de Goiânia, Dom Antônio Ribeiro de Oliveira, marcadas pela emoção de pacientes, parentes e funcionários. "O Crer é uma bênção. São 15 anos de amor ao próximo, são 15 anos de readaptação e reabilitação

para a vida", disse Marconi.

Ao contar o início da história do Crer, Marconi lembrou que "esse é um sonho que eu venho alimentando desde quando era deputado, ao ouvir o clamor de pessoas por um hospital nos moldes do Sarah Kubitschek, de Brasília. Quando governador, mesmo sem dinheiro, com o empenho da primeira-dama Valéria Perillo, nós começamos a construção do Crer".

O governador lembrou que pelo Crer "já passaram pessoas de Goiás, do Brasil e do mundo que voltaram a viver, que voltaram a ter esperança". Sobre os profissionais ele enalteceu que "nós temos uma equipe multidisciplinar extraordinária e uma direção fantástica que fez do Crer uma referência brasileira nas áreas de reabilitação e readaptação". A data foi comemorada com uma cerimônia

religiosa e uma homenagem póstuma ao Arcebispo Emérito de Goiânia Dom Antônio Ribeiro de Oliveira, que foi diretor-presidente da Associação Goiana de Integralização e Reabilitação (Agir), O.S. que administra a unidade. "Hoje nós estamos homenageando um dos homens que mais fez pelo Crer e pelas pessoas que por aqui passaram. Nós estamos comemorando as vidas que foram devolvidas, as esperanças que foram resgatadas através da criação desse hospital que, repito, é um dos melhores do país", afirmou Marconi Perillo.

João Vitor (19 anos), paciente do Crer desde os quatro anos de idade, e bolsista da OVG, prestou uma homenagem ao governador Marconi Perillo. "Se o Brasil tivesse um Crer em cada estado, a saúde seria bem me-

lhor. E não é só isso. O amor o sorriso dos colaboradores do hospital faz toda a diferença na vida dos pacientes. É por isso que eu sou grato a todos e, principalmente, ao governador", agradeceu.

GESTÃO DE REFERÊNCIA

Administrado pela Associação Goiana de Integralização e Reabilitação (Agir), o Crer é um hospital que oferece atendimento humanizado e especializado em reabilitação às pessoas com deficiência física, auditiva, visual e intelectual, exclusivamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

O diretor-geral do Crer, Válney Luiz da Rocha, reconheceu que "nesses 15 anos o Crer mostrou um crescimento vertiginoso que culminou na prestação de serviços de saúde de alto nível

às pessoas que mais precisam. Esse é um momento de imensa alegria, digno de celebração".

Sérgio Daher, superintendente executivo do Crer, salientou "foram 15 anos de sucesso" da parceria do Governo de Goiás com a Agir. "De lá pra cá o caminhar do Crer tem sido marcado por grandes avanços", pontuou. O secretário de Estado da Saúde, Leonardo Vilela, lembrou que o "Crer é o início de um sonho que se tornou realidade, pois ele se tornou parâmetro de qualidade para a saúde em Goiás, pois o hospital é creditado com o nível 3 de excelência pela Organização Nacional de Acreditação (ONA).

Nesse período o governo investiu aqui mais de R\$ 500 milhões de reais".

O SENADOR WILDER MORAIS NA MÍDIA

6

GOIÂNIA, SEXTA-FEIRA, 22 DE SETEMBRO DE 2017

DM.COM.BR

Diário da Manhã

Precisamos acabar com a progressão continuada nas escolas!



Wilder Moraes

Especial para
OPINIÃO PÚBLICA

O Brasil está hoje no topo global da violência contra professores. Pesquisa realizada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) revela que 12,5% dos professores já foram vítimas de agressões verbais ou de intimidação dentro das escolas.

O dado revela um cenário ainda mais ameaçador: a falência da educação é indicativo do caos que acomete a segurança pública. O professor perdeu sua autoridade em sala de aula e perdemos qualquer chance de educar nossas crianças.

Além do mais, demonstra um painel de sociabilidade violenta no âmbito das escolas e que convoca a sociedade para reflexão.

Apenas duas ressalvas: 1) tenho a

plena convicção de que a educação pode mudar a vida das pessoas (algo que eu vivi, que experimentei); 2) a violência urbana está intimamente ligada aos descasos que cometemos com o frágil sistema educacional brasileiro.

Tais observações são importantes para estabelecermos uma proposta: mais do que buscar estatísticas, o sistema deve mirar a formação humana e indicar caminhos profissionais. Por isso a mudança é urgente, afinal caminhamos em sentido contrário ao que prevê organismos internacionais como a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e a Organização das Nações Unidas (ONU).

Apresentei no Senado Federal um projeto de lei para acabar com a progressão continuada – organização do ensino por ciclos de aprendizagem, que pressupõe a não reprovação ou repetência do aluno – que no Brasil se transformou em uma verdadeira aprovação forçada e au-



tomática. Na atualidade, aprovamos o aluno sem que ele tenha condições de passar de ano.

Ocorre então uma covardia: a escola empurra adiante o aluno sem dar o mais importante, a educação. Sabemos que ele não está preparado, mas, ainda assim, o jogamos para frente, sem que ele saiba, por exemplo, unidades de medida de massa (que deveria aprender na quinta série) obrigamos o jovem a se sair bem nas preliminares de química

do ensino secundário. Colocamos em risco todo seu aprendizado e devolvemos para a sociedade alguém que deveria saber, mas não sabe.

Não raro, este aluno que perdemos vai para as ruas e se transforma em estatística do crime. Não é novidade que inúmeras pesquisas revelam uma equação básica social: menos educação na formação pessoal, mais potencialidade na prática de crimes. A cada 1% a mais de jovens nas escolas, os homicídios ca-

em 2%, indica um rigoroso estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

Educação é um direito social. E mais do que oferecê-lo formalmente, como diz a Constituição Federal, é necessário realmente efetivá-lo, pois se trata de norma de eficácia imediata.

Precisamos com urgência falar a mesma língua na educação, evitar a cacofonia de programas e colocar as escolas no rumo certo. A progressão continuada de nossos problemas começa com a educação. E ensino efetivo significa redenção e qualificação de nossas vidas. Como disse no início deste artigo, o ensino mudou minha vida. E pode mudar a de todos, basta reestabelecemos a autoridade do professor e dar a dignidade necessária para ele educar nosso futuro. Somente assim vamos diminuir nossos gastos em segurança pública, a médio e longo prazo.

(Wilder Moraes, senador, relator da Política Nacional de Segurança Pública)



Drone na pesquisa agrícola

Conheça o Projeto de Lei 698/2015, do senador Wilder

Inclui o drone na pesquisa agrícola. O drone otimiza o uso de insumos, reduz o consumo de água na irrigação e aumenta a produtividade.